PUBLICADO DOC 15/08/2013, PÁG 83

JUSTIFICATIVA
PDL 0056/2013

O presente projeto de decreto legislativo pretende a concessão de Título de Cidadão Paulistano ao Soldado PM Wanderlei Paulo Vignoli.
A proposta vê-se plenamente justificada pelo reconhecimento a excelência do caráter e proficiência do Soldado PM Wanderlei Paulo Vignoli, nascido em Santo Anastácio, interior de São Paulo, em 1971. Formado em Direito e Pós Graduado em Direito Privado, o PM Vignoli veio para São Paulo em 1991 e ingressou na Polícia Militar em agosto de 1993.
Primeiro permaneceu por aproximadamente sete anos no Corpo de Bombeiros: um pouco em Alphaville (Barueri-SP) e um pouco em Osasco. Depois, a maior parte do tempo, mais ou menos uns seis anos, trabalhou no município de São Caetano do Sul. Depois foi para o Fórum da Barra Funda, ficou lá por volta de uns seis anos, no Tribunal do Júri, e esta há aproximadamente seis anos a no Tribunal de Justiça (TJ-SP).
No último dia 11 de junho de 2013 o Soldado Wanderlei Paulo Vignoli passou por uma grande experiência que encheu de orgulho os paulistanos, onde ele mesmo narra essa história ao assessor de imprensa deste gabinete;
O senhor já tinha vivenciado uma experiência como a que viveu naquele dia 11 de junho, quando foi agredido durante uma manifestação nas redondezas do TJ-SP, quando tentou impedir que um vândalo pichasse o prédio do Tribunal de Justiça aqui de São Paulo. Como tudo aconteceu?
R:- Exatamente. Nós ali, os policiais do Tribunal, estamos acostumados a trabalhar assim, com manifestantes, só que na maioria dos protestos eles (os manifestantes) acabam respeitando o Estado, a própria Polícia Militar, porque eles têm aquela consciência de que a polícia está ali mais para manter a ordem, para a proteção deles mesmo. Só que dessa vez, de uma forma atípica, a coisa saiu do controle. A grande maioria eram pessoas que queriam só se manifestar, mas entre essas pessoas, naquele dia, acredito que havia umas 20, 30 pessoas, que estavam com a intenção realmente de depredar o patrimônio público. Foi uma situação inesperada, porque a previsão não era nem eles passarem por ali. No momento em que eu percebi, tinha mais ou menos umas 10, 15 pessoas descendo a Rua 11 de Agosto, aí eu percebi que um deles estava tentando pichar, foi quando eu corri e consegui detê-lo. Quando eu consegui detê-lo percebi muitas pessoas vindo em minha direção, xingando, atirando pedras, e uma pedrada acertou a minha cabeça. Perdi a consciência por alguns segundos logo que levei a pedrada e caí no chão, segurando o pichador. Fui atingido por outras pedradas. Teve uns agressores que até tentaram se aproximar de mim, foi aí que um jornalista da Folha de S. Paulo, interveio de certa forma e acabou me protegendo, ajudado por outros manifestantes. Não posso ser injusto, pois eles falavam: “Não, não, deixem o policial!, A intenção não é essa...” Aí, em questão de segundos, chegaram outros policiais à paisana, do Tribunal de Justiça mesmo, que me ajudaram a sair daquela situação, que estava ficando cada vez mais crítica. Havia mais pessoas ao meu redor, tentei me manter calmo, foi quando eu corri só que não dava para retornar ali pelo portão do TJ. Aí tivemos que fazer a volta toda, pelo Fórum João Mendes, que era o trajeto mais seguro. Foi por aí que eu consegui sair do tumulto.
- Em que momento o senhor se sentiu ameaçado e sacou a arma?
R:- Então, foi exatamente no momento quando eu levei a pedrada e eu escutei:
“Lincha”, “tira a arma dele”, “Mata...” Aí eu falei: nossa, tirar a minha arma, me matar, de jeito nenhum... Daí, me lembrando do treinamento que recebi na Polícia Militar, o de sacar a arma só em situações críticas, foi quando eu pensei, na minha visão, que aquela era uma situação limite... Então peguei e saquei a arma com a

intenção de afastar aqueles que tentavam se aproximar de mim para me agredir. Eu fiquei em posição de defesa e apontei a arma. Daí várias pessoas se afastaram de mim, mas continuaram jogando pedras. Quando apontei a arma foi o momento em que percebi que chegaram os outros policiais do TJ. Daí eu ouvi: “Vignoli”, “Vignoli”... Imediatamente abaixei a arma, coloquei no coldre e tentei deixar o local.

- O que te fez não disparar?

R:- O que me fez não disparar a arma foi a minha crença em Deus, porque eu acredito que ali, naquela situação extremamente tensa, Deus estava me ajudando a manter o autocontrole. Outra ajuda importante nessas situações é o treinamento constante que recebemos na Polícia Militar. Isso não quer dizer que o policial militar não tenha medo. Temos medo, porque o medo é inerente ao ser humano. É até uma proteção, porque quem não tem medo acaba sendo irresponsável. Mas assim, como o treinamento exige muito de nós em situações de risco, de perigo, a preparação é acionada de uma forma automática, porque todo ano temos esse treinamento de tiro, de proteção, que é o simulado de situações de risco, então acaba sendo assim, de uma forma automática: minha consciência dizia: “ainda não é o limite, calma, calma, segura, lembre-se da prudência”. Outra coisa, com a experiência de vinte anos na Polícia Militar você nunca se esquece: “Olha, só reaja em situação limite e em caso de extrema necessidade”. Outra coisa que conta é a criação, a formação em casa, pois acho que a família, quando ensina a ter respeito pelo próximo, você tem que respeitar o próximo em qualquer situação. Você não deve tirar a vida de uma pessoa podendo evitar que isso acontece. Tenho meus ideais e foi por eles que entrei na Polícia Militar, não foi para ser um matador, mas sim para defender a sociedade. Eu percebi que naquela situação tinha alguns que eram vândalos, mas a maioria, na minha concepção, ainda eram pessoas de bem. A intenção deles era cobrar melhorias para o país; era a de se manifestar, de reivindicar direitos, eles não estavam ali para me atacar, me matar. Eu percebi que quando saquei a arma e fiquei em posição de ataque e defesa eles já deram uma recuada. Então eu pensei, já é o suficiente.

- O senhor já tinha passado por uma situação tão tensa e tão perigosa como essa?

R:- Eu passei por situações muito tensas, como por exemplo, tentativas de roubo; no Bombeiro, em incêndios, resgates, enchentes, que lá em São Caetano do Sul eram frequentes, e outras situações tensas, mas eu não era vítima. Como vítima foi a primeira e que seja a última.

Este projeto de decreto legislativo, em obediência regimental, segue instruído com a prévia anuência do homenageado, registrada em carta cujo original, firmado, segue para que se processe ajuntada e integre a propositura.

Com essas considerações conto com a aprovação dos Nobres Pares.